

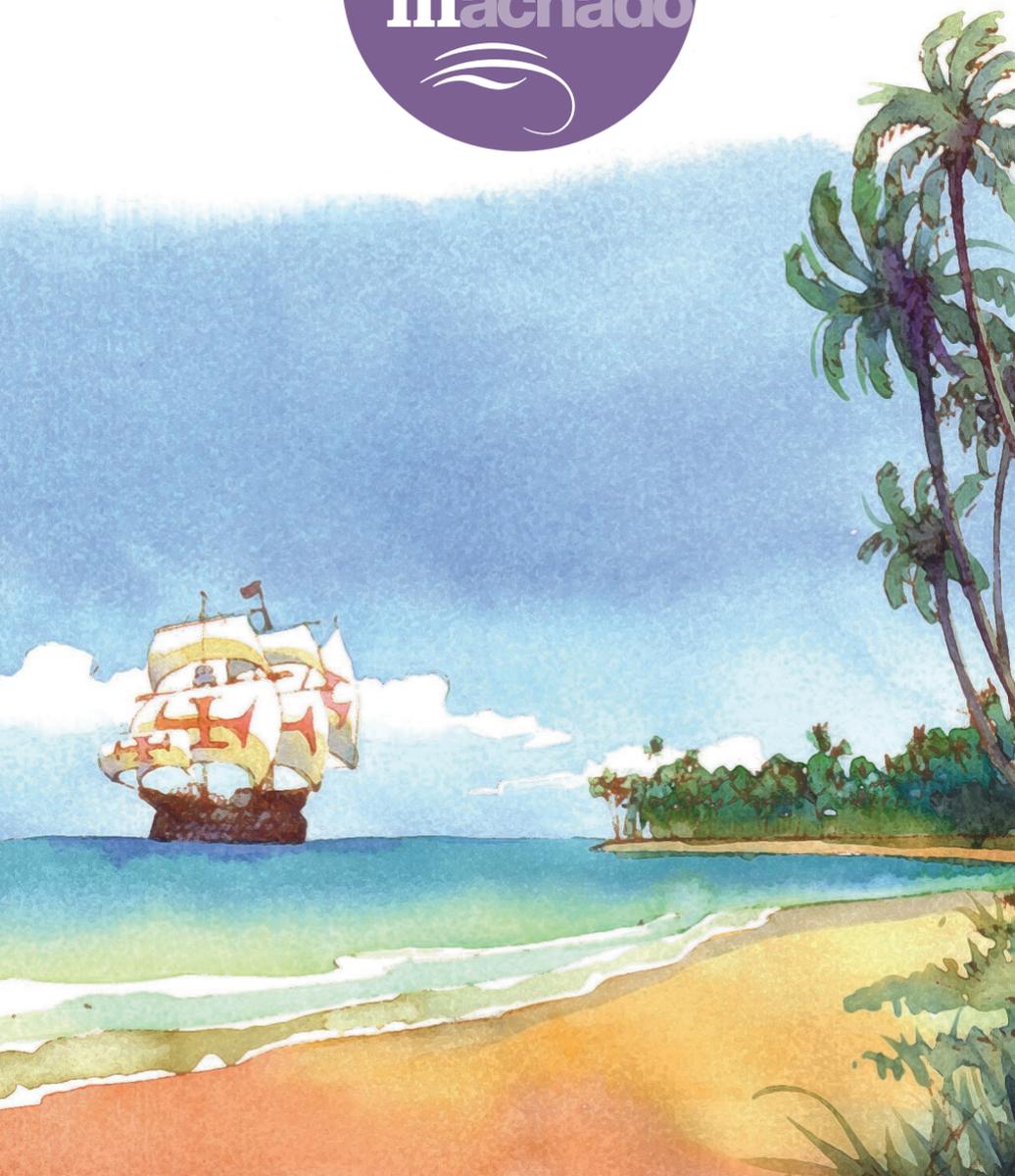
Coleção

**anamaria
machado**



Coleção

**anamaria
machado**





*Mensagem
para você*

Ilustrações

Cris Eich

ea
editora ática

Mensagem para você

© Ana Maria Machado, 2007

<i>Diretor editorial</i>	Fernando Paixão
<i>Editor-assistente</i>	Fabricao Waltrick
<i>Assessoria editorial</i>	Gabriela Dias
<i>Preparadora</i>	Cristina Yamazaki
<i>Coordenadora de revisão</i>	Ivany Picasso Batista
<i>Revisoras</i>	Márcia Leme Cátia de Almeida



ARTE

<i>Editor</i>	Antonio Paulos
<i>Diagramadora</i>	Thatiana Kalas
<i>Editoração eletrônica</i>	Vanderlei Lopes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129m
2.ed.

Machado, Ana Maria, 1941-
Mensagem para você / Ana Maria Machado; ilustrações de
Cris Eich. – São Paulo: Ática, 2008.
178 p. : il. ; - (Ana Maria Machado)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-11331-6

1. Literatura juvenil. I. Título. II. Série.

07-3015.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 11331-6 (aluno)
ISBN 978 85 08 11332-3 (professor)
Código da obra CL 736024
CAE: 216457 (aluno)

2015

1ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2008
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

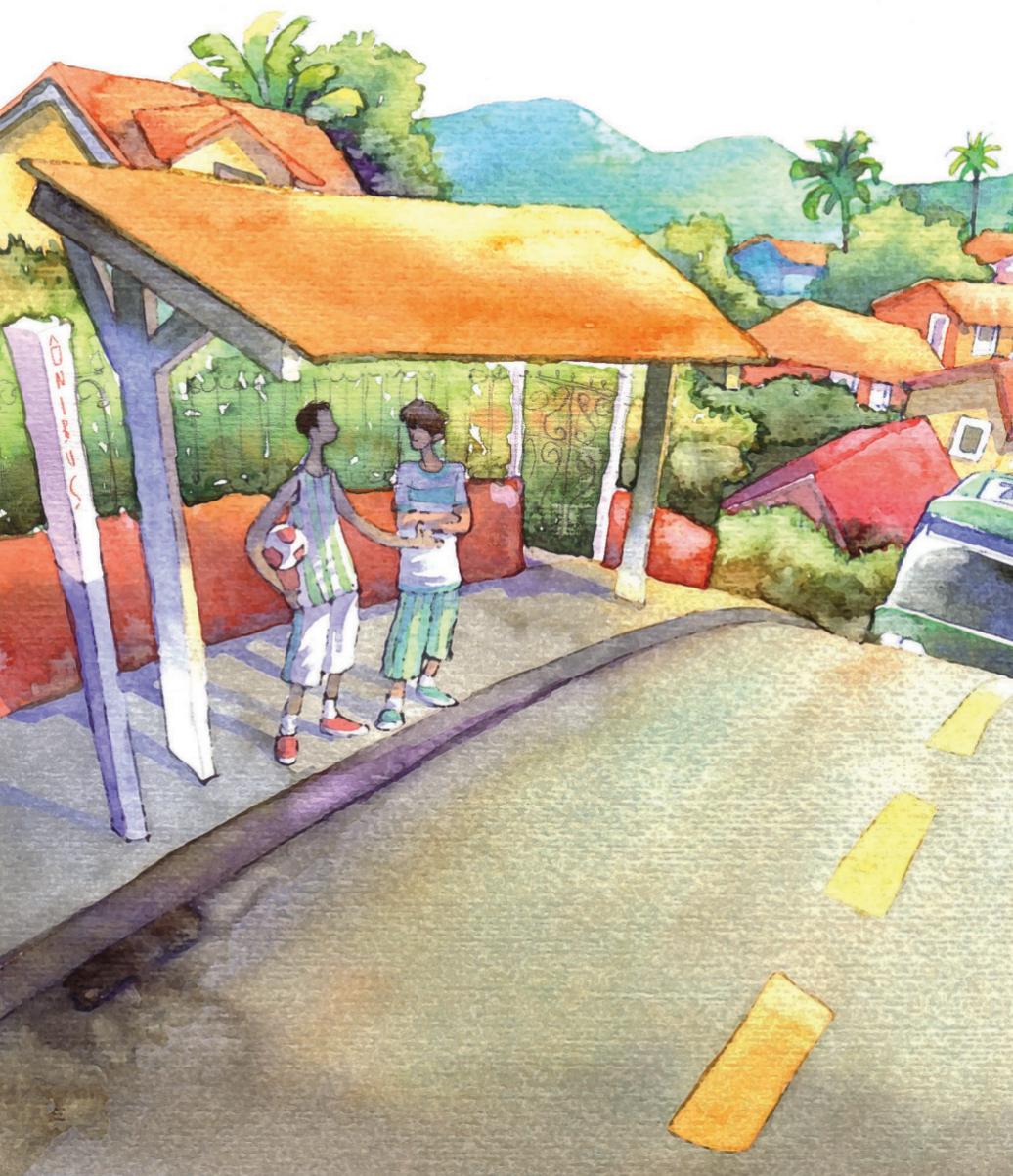
IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



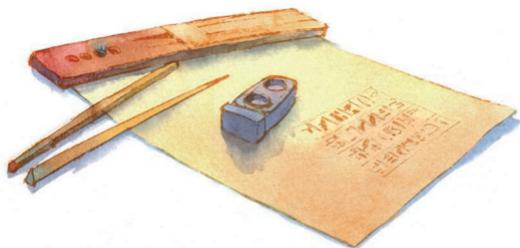
Mensagens estranhas invadem os computadores, celulares e outros aparelhos de Soninha, Zé Miguel, Mateus, Fabiana, Guilherme e Robinho, atravessando tempos e distâncias. Ora quem escreve assina como rainha egípcia Nefertiti, ora se faz de Marco Polo. Também diz ser um navegador português, um escriba de um mosteiro medieval e até se passa por amiga da escultora Camille Claudel... Cada mensagem parece vir de épocas diferentes. Como isso é possível? Seria um vírus? Ou um *hacker*?

Além de tudo, ele (ou ela) insiste num papo esquisito sobre escrita e leitura: hieróglifos em tablitras de argila, manuscritos medievais, um *rap* estranho falando de morte, mas também de poesia. O que está por trás desse enigma?

Com esta aventura, Ana Maria Machado nos revela que o tempo e a tecnologia nos separam dos escribas de outrora. Mas o valor do conhecimento e da leitura permanece o mesmo.



Sumário



1. *Um vírus misterioso* 9
 2. *O gozador erudito ataca novamente* 23
 3. *Talvez uma pista* 33
 4. *Dose dupla* 45
 5. *Uma questão de estratégia* 53
 6. *Mensagem na garrafa* 69
 7. *Modelo de quê?* 83
 8. *A amiga de Camille* 97
 9. *Ritmo, poesia e morte* 113
 10. *Uma janela congelada* 123
 11. *Gregório Alvarenga oferece* 135
 12. *Como num filme* 153
- Notas para quem se interessar* 163
- anamariamachado** *com todas as letras* 165
- Biografia* 166
- Bastidores da criação* 170
- Obras de Ana Maria Machado* 173



1 *Um vírus misterioso*

— O melhor trabalho foi o do grupo do Guilherme.

Quando ouviu o professor de história fazer aquele anúncio, Gui até levou um susto. Os outros deviam estar muito ruins mesmo. Sinceramente, tinha consciência de que o grupo dele se atrapalhara com o tempo e deixara muita coisa para fazer em cima da hora. Tinha certeza de que tudo havia ficado meio improvisado. Sabia perfeitamente que no último dia, quando saíram da casa da Soninha, praticamente expulsos pela mãe dela porque já estava tarde, ainda faltava organizar todos os textos no computador antes de imprimir. Faltava também completar um monte de coisas. Era impossível ter ficado bem-feito.

Não dava para entender como um professor exigente feito o Meireles considerava um trabalho daqueles o melhor da turma.

Guilherme olhou para Zé Miguel, que fazia uma cara de espanto maior ainda. E a mesma expressão se repetia nos outros componentes do grupo — Mateus, Fabiana e Soninha. Esta, então, cobria com a mão a boca aberta, mas os olhos arregalados eram o retrato de uma surpresa total. Mais do que ninguém, ela sabia como aquele trabalho sobre os egípcios tinha ficado uma colcha de retalhos. Lembrava como tinha trabalhado sozinha até de madrugada no computador, depois que os colegas foram embora. Havia ficado tão cansada que teve dificuldade até para ordenar as páginas impressas. E, no fim, ainda tinha sobrado um trecho que ela não conseguira identificar. Soninha não sabia qual dos colegas havia escrito aquele texto e mandado para ela, nem como aquilo fora parar ali e nem mesmo a que se referia. Não conseguira encaixar no trabalho e acabou tirando, como acontece nos desenhos animados com quem se mete a consertar relógio e, quando dá por encerrado, percebe que ficaram de fora umas molas e rodinhas.

O professor Meireles continuou o comentário:

— Apesar de um pouco mal estruturado...

(“Claro”, pensaram todos, “ficou mesmo uma bagunça.”)

— ... está muito interessante e bastante original...

(“Quem diria, hein?”)

— ... principalmente a parte sobre a experiência monoteísta de Aqueaton.

(“Epa! Quem será que fez essa parte? Isso eu nem vi”, foi o pensamento geral do grupo.)

— Só não vou dar a nota máxima porque às vezes está um pouco confuso...

(“Bota confusão nisso”, foi o que cada um pensou, sem precisar nem trocar palavras.)

— ... e porque não fez referência às fontes utilizadas para essa parte da pesquisa. Mas a ideia de incluir esse tema foi inesperada e criativa, e o assunto foi muito bem introduzido. Vou ler o início do trecho para que todos da classe possam avaliar.

Enquanto todo o grupo concordava — mentalmente — com o fato de que nenhum deles tinha a menor noção sobre o que o Meireles estava falando, o professor limpou a garganta e começou a ler:

— “Embora em vossos dias...” Quer dizer, *nossos*. Esse erro de digitação tinha me escapado.

Interrompeu-se e corrigiu no papel com a caneta. Depois recomeçou:

— “Embora em nossos dias o nome do faraó Tutancâmon tenha se tornado muito conhecido e o transformado numa verdadeira celebridade após a descoberta de sua tumba e da fabulosa



riqueza do tesouro nela encerrado, a verdade é que para os seus contemporâneos ele não tinha muita importância. Assumiu o governo ainda adolescente. Era fraco, meio doente e sem expressão. Reinou durante pouco tempo e morreu antes de completar 20 anos. Chegou ao trono por meio de uma série de intrigas palacianas. Foi apenas um joguete na mão de forças políticas e religiosas interessadas em recuperar o poder que seu antecessor limitara e que lhes escaparia para sempre se não tratassem de depor o antigo faraó. Por isso precisavam ostentar todo aquele esplendor a fim de que a imagem de Tutancâmon pudesse impressionar o povo. Desse modo, todos se esqueceriam de Akenaton, o faraó depositado. Seus inimigos estavam convencidos de que assim aconteceria. Mas a História não pôde esquecê-lo. Era um homem culto, um pensador. Com ele, pela primeira vez, se formulou a ideia de um deus único — Aton, o Sol. Ao substituir os diversos cultos tradicionais aos deuses pela adoração à luz, ao calor e à energia concebidos como fonte de toda a vida na Terra, Akenaton revelou possuir uma mente muito à frente do seu tempo. Valorizou também o papel das mulheres. Sua esposa, a rainha Nefertiti, teve parte ativa na elaboração do governo e da nova doutrina. Sabia escrever e compôs vários hinos religiosos e poemas, celebrando Aton e a natureza.”

Enquanto o Meireles lia, o grupo do Guilherme continuava a se entreolhar. Nenhum deles pesquisara aquilo. Não se lembravam de ter visto aquele assunto entre os que revisaram e resumiram antes de sair da casa da Soninha. Claro, só podia ter sido ela! Na certa, depois que saíram, ela encontrou aquilo em algum livro ou na internet e resolveu incluir por conta própria. Ainda bem que deu certo.

O professor continuava:

— Não vou ler o trabalho todo agora, queria só dar um gostinho a vocês. Depois dessa introdução, eles descrevem os princípios que norteavam a nova religião, as dificuldades que Aquenaton teve de enfrentar por causa de sua crença, a mudança da capital que ele promoveu, os interesses econômicos que contrariou, os choques que enfrentou com todos os poderosos. O texto ficou realmente muito interessante. Eu mesmo aprendi umas coisas. Sobre Nefertiti, por exemplo. Eu até me envergonho de dizer que ignorava quase tudo. Rainha notável do Egito, além de Cleópatra, eu só conhecia bem Hatsepsht, que chefiou exércitos, mandou uma expedição marítima fazer uma viagem em torno da África e foi muito poderosa, de forma excepcional. Mas da Nefertiti eu só sabia que havia sido casada com Aquenaton. E era tão bonita que sua efígie continuava a fascinar a humanidade pelos séculos afora. Talvez a imagem de seu rosto traga até nossos dias a face mais bela que os antigos nos legaram.

Alguém devia ter feito uma piadinha no fundo da sala, porque se ouviram uns risinhos. Mas o Meireles ignorou por completo a brincadeira e não interrompeu o falatório. Continuou, todo animado:

— Uma escultura da cabeça de Nefertiti, no museu de Berlim, é uma das peças mais deslumbrantes e bem conservadas que nos restaram da Antiguidade. Mas eu desconhecia por completo o papel intelectual de Nefertiti, e também sua originalidade. Ela foi a única rainha do Egito a ser retratada em baixos-relevos em meio a cenas domésticas e afetivas, ao lado do marido com as princesas no colo, evidentemente conversando e brincando. Fui conferir na literatura especializada e encontrei infor-

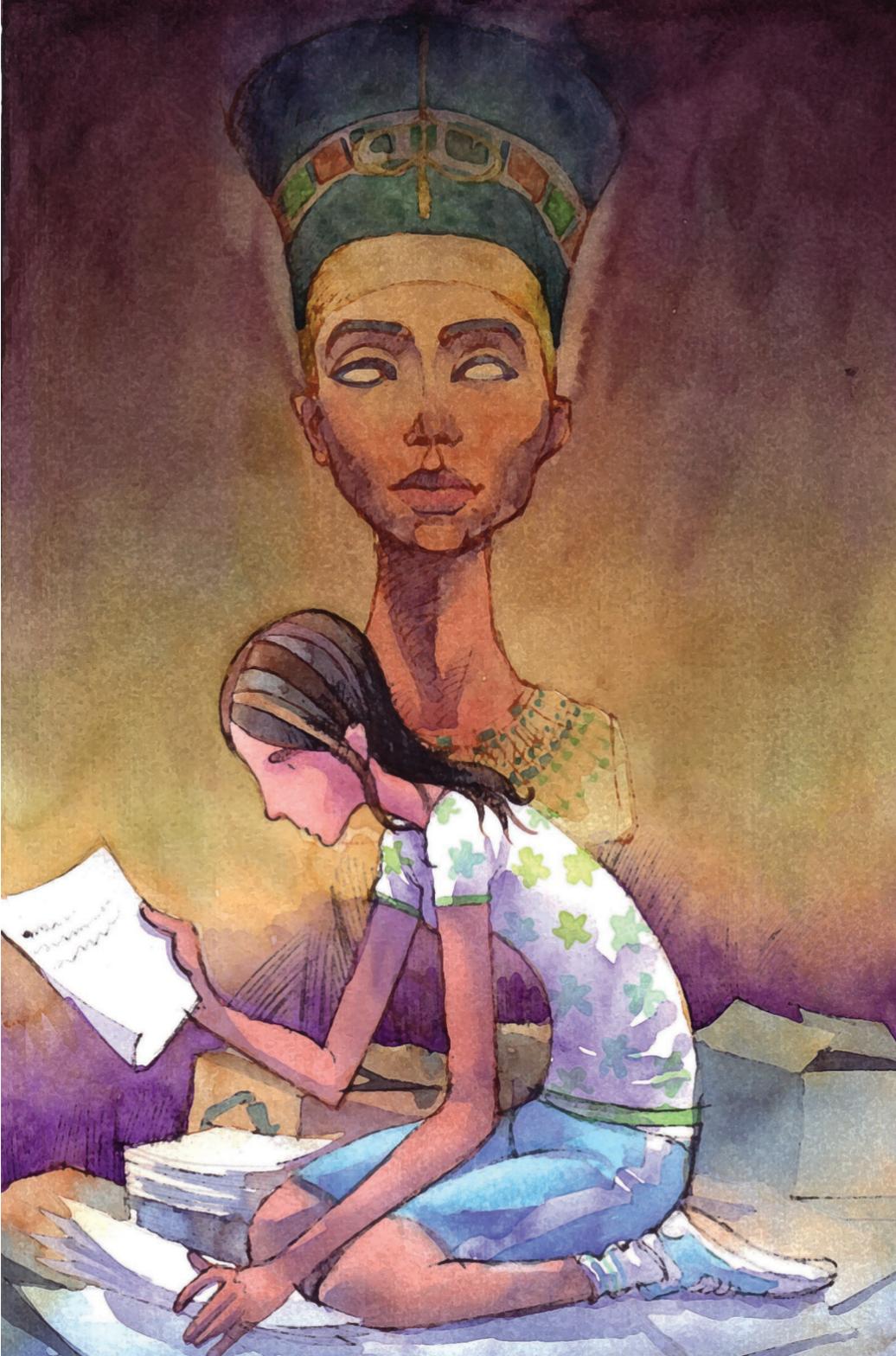
mações sobre isso tudo, confirmando a importância de Nefertiti que vocês apontam em seu trabalho. Descobri até na biblioteca uma novela contemporânea muito gostosa de ler (e bem fininha, convém lembrar aos preguiçosos) sobre esse período, escrita pelo Naguib Mahfuz¹, um romancista egípcio que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Enfim, temos que reconhecer que esse grupo fez um belo trabalho. Vocês estão mesmo de parabéns. Onde encontraram isso tudo?

Silêncio. O professor repetiu a pergunta. Guilherme respondeu, desconversando:

— Ih, professor... A gente pesquisou tanta coisa que nem dá pra lembrar. Pode ser que um de nós tenha anotado em algum canto. Mas acho que jogamos fora... Desculpe.

— Uma pena, Guilherme. Isso não se faz. Não é científico e prejudica um bom trabalho. Não esqueçam o que eu sempre recomendo: podem pesquisar na internet, mas faço questão de que citem de onde vem a informação, para que eu possa avaliar a credibilidade. Da mesma forma, a bibliografia é indispensável. É sempre necessário identificar a fonte, citar a referência. Por uma questão de honestidade, mas também de responsabilidade profissional. Dá mais consistência ao trabalho e pode ser um diferencial significativo numa época de leviandades superficiais.

E lá veio o Meireles com toda aquela conversa que ele adora, repetindo pela enésima vez que o mais importante que a escola tem para ensinar não são as informações, mas a formação de atitudes sociais dignas, a transmissão de valores éticos, o rigor e o entusiasmo na busca do conhecimento. Todos já ouviram aquilo milhares de vezes. Quando ele se empolga com esse discurso, parece que não vai parar nunca.



Guilherme desligou mentalmente e ficou pensando na estratégia que usaria para passar de fase num novo jogo de computador que ganhara dois dias antes. Como sempre, Fabiana desenhava num papel, como se fosse estilista de moda. E Mateus sonhava com o sanduíche que ia comer na cantina da escola, pois estava morrendo de fome.

Ainda bem que a aula acabou e era hora do recreio.

Correram todos para cercar Soninha.

— Valeu! Você salvou a pátria!

— De onde você tirou aquela história do deus Sol? — quis saber Mateus.

— E aquela coisa do modelo de beleza? — Fabiana na certa já queria perguntar sobre maquiagem ou moda no Egito Antigo. Só pensava nesse assunto.

— Não faço a menor ideia — garantiu ela.

No começo, os outros não acreditaram. Mas Soninha insistiu:

— De verdade. Depois que imprimir tudo, fui dormir. No dia seguinte, antes de vir para a escola, corri para arrumar as folhas impressas e reparei que tinha umas coisas meio estranhas, que eu não lembrava nem de ter visto antes nem de ter discutido com ninguém. Achei que eram uns textos que estavam no meio de algum documento que um de vocês havia mandado por *e-mail*. Separei o que eu achei que não tinha nada a ver, mas deixei aquilo, porque falava de um faraó. Afinal de contas, o trabalho era sobre o Egito Antigo, e estava curtinho demais. Então achei que mais um faraó bem que podia reforçar e acrescentar mais umas linhas...

— E o resto? Os outros textos que você separou? — perguntou Mateus, brincalhão. — Será que não baixou também um

trabalho de química prontinho? A gente vai ter de entregar o da Nanci no fim do mês, esqueceu?

— Não — disse ela. — Tinha uns poemas, uma carta, não lembro bem. Tudo bobagem. Joguei fora.

Depois que chegou em casa, porém, Soninha continuou pensando naquilo. Tinha ficado curiosa. Agora queria reler. Não devia ter dispensado tudo assim, sem mais nem menos, e jogado os papéis no lixo.

Mas será que tinha jogado mesmo? Talvez tivesse só deixado de lado, para usar o verso do papel como rascunho — como todo mundo costumava fazer na casa dela. Foi procurar. E acabou encontrando os textos na pilha de papéis usados. Não sabia se estava tudo completo, mas logo reconheceu um poema, porque estava impresso no mesmo tipo que ela usara no trabalho do Meireles:

*Cada dia quando chegas
E nos chamas com o canto dos pássaros,
Tudo em ti é alegria,
Ó deus único que secas nossas lágrimas!
Ó deus que ouves o silêncio dos pobres!
Ó formoso e magnífico!*

*Cada dia quando estendes tua rede de luz,
E aqueces o mundo com o calor de teus raios,
Tudo em ti nos traz vida,
Ó deus único que nos alimentas!
Ó deus que amadureces as colheitas!
Ó formoso e magnífico!*